

Encontros e desencontros: ensaio sobre o “não há

Graciela Bessa
Vera Lopes Besset

Avançar é seguir girando ao redor do impossível de dizer, seguir tentando cercá-lo ainda que se saiba que a própria eleição de perspectiva que se toma implica uma perda a respeito do que se trata de demonstrar.

(Jacques-Alain Miller)

A definição sexual em homem e mulher, segundo a psicanálise, não é determinada pela anatomia nem tampouco pela genética. Lacan (1958), apoiado nos textos freudianos, afirma que se posicionar como homem ou mulher requer a linguagem, depende do campo do Outro. Em decorrência de sermos seres sexuados submetidos à linguagem, há um mal entendido entre os sexos. No campo da linguagem há um elemento do par sexual (homem, mulher) que não é passível de representação. A não inscrição de um elemento desse par impossibilita aos seres falantes aceder a um sentido sexual que se completa. O elemento que não é representado no campo da linguagem é “A Mulher”. Esse ponto de exclusão conduz Lacan à formulação de dois paradigmas: “A Mulher não existe” e a “Não há relação sexual”. Eles só são demonstráveis através da lógica formal e são os pilares do processo de sexuação do ser falante.

Palavras-chave: Sexualidade, feminilidade, falo, semblante, amor

Introdução

“Há homem e há mulher”. Eis uma frase que parece expressar uma verdade estabelecida. De todo modo, é certo que os homens – esses seres que falam – buscam incessantemente realizar o encontro amoroso entre eles.

No Antigo Testamento (Gêneses, 1-1 a 3-24), o que se escreve é a gênese do desencontro do primeiro casal humano criado por Deus segundo sua imagem e semelhança. Adão e Eva não se tornaram uma só carne conforme a vontade divina. Entre eles se interpôs a árvore do conhecimento do bem e do mal. Eva queria outra coisa além de sua vida no paraíso com Adão. Tampouco Darwin (1859) com a teoria da evolução e da seleção natural das espécies esclarece o modo como a relação entre homem e mulher pode se estabelecer.

Na filosofia clássica, se tomamos como referência *O banquete* de Platão, homem e mulher são partes de um todo, são seres incompletos. O amor é o que faz a união entre eles, tornando-os um só ser e completo. Ao alcançar esse estado de completude, esse todo não é mais passível de divisão. Ou seja, o amor realiza a comunhão perfeita entre homem e mulher. Extraímos desse pensamento a ideia de que o amor torna possível o encontro exitoso entre um homem e uma mulher.

Na saga humana o que se escreve é o desencontro, o fracasso dessa relação. Há uma abundância de histórias de amor. Elas são cômicas ou trágicas, corriqueiras ou jornalísticas, e narram como um homem e uma mulher, ao acreditarem encontrar sua cara metade e, ao invés de dois, fazerem um, tornam-se como dia e noite, sol e lua. E, por vezes, o amor cede lugar ao ódio, à vingança.

Na experiência clínica, por exemplo, um sujeito confessa que desde pequeno sempre ouvia seu pai lhe dizer: “*Você tem que ser homem*”. Durante muito tempo não encontrou uma significação para essa ordem, mas sabia que tinha que cumpri-la, embora não soubesse como. Por ocasião de sua primeira relação sexual com uma mulher tudo se esclareceu. Então, era isso que seu pai queria lhe dizer: ser homem é transar com uma mulher. Ele se equívoca ao acreditar que é possível fazer seu ser de homem na relação sexual com uma mulher. Isso porque o tornar-se homem não se extrai da relação sexual com uma mulher, nem tampouco o contrário. É o que buscaremos explicitar ao longo deste texto.

Nesse ponto, faz-se necessário esclarecer qual a nossa referência quando dizemos homem e mulher. Certamente, não é a genética que define os gêneros macho e fêmea baseada na presença dos cromossomos XX e XY. Nossa referência é a psicanálise, precisamente as contribuições de Freud e Lacan. Então, a partir disso, como entendemos que alguém se reconhece como homem ou como mulher? Nesse contexto, em que base se estabelece a relação entre os sexos?

De modo breve, pois esse ponto será abordado ao longo do texto, podemos avançar que, para Freud (1923), uma criança se torna homem ou mulher como consequência do complexo de castração. Através do processo de identificação – ter o falo e não ter o falo – o ser falante¹ se distribuirá em uma dessas duas classes sexuais. Lacan (1958), apoiado nos textos de Freud, afirma que se posicionar como homem ou mulher requer a linguagem e depende do campo do Outro. À medida que avança em seu ensino e em sua pesquisa clínica, ele nos diz que há “uma maldição sobre o sexo” (Lacan, 1973, p. 530) e que Freud já havia anunciado isso em seu texto “O mal-estar na civilização” (1930[1929]). De fato, na parte IV do referido texto, Freud expõe de maneira clara que a perturbação amorosa é inevitável, pois há um desencontro entre o amor de um homem e o amor de uma mulher. Eles se encontram, é claro; mas no campo do amor esse encontro não se efetiva.

O termo maldição, utilizado por Lacan (1973), se articula à categoria lógica modal do impossível.² Impossível de bem-dizer sobre o sexo. Em decor-

1. O termo ser falante pressupõe a inclusão do corpo, um corpo que goza.
2. Miller (1984-85) esclarece que Lacan se apoia no teorema de Gödel quando se refere à categoria modal do impossível, pois se trata de um impossível absoluto. Ou seja, uma determinada proposição implica uma contradição de tal ordem que é impossível que ela se escreva no sistema lógico ao qual está referida; caso ela se escrevesse o sistema se anularia. O famoso paradoxo do barbeiro, formulado por Russel, serve para exemplificar essa categoria do impossível: “Diz-se que lá em Sevilha, havia um barbeiro que na porta de sua casa pendurou uma tabuleta com os dizeres: ‘Faço a barba de todas e somente das pessoas que não fazem a sua

rência de sermos seres sexuados submetidos à linguagem, há um dizer mal sobre o sexo; o sexo é mal dito. No campo da linguagem há um elemento do binômio sexual – homem e mulher – que não se escreve. Ou seja, é impossível que um desses dois elementos exista num sistema lógico em que o falo é uma função (ϕx); esse ponto será esclarecido mais adiante. Em decorrência desse fato – a não inscrição de um elemento do binômio (homem e mulher) –, para os seres falantes é impossível aceder ao “todo” do sentido sexual. Adiantaremos que o elemento do binômio sexual que não se escreve e que falta no campo da linguagem, é “A Mulher”.

Esse ponto de exclusão que inviabiliza o bem-dizer sobre o sexo conduz Lacan à formulação de dois paradigmas: “A relação sexual não existe” e “A mulher não existe”. Eles seriam a expressão máxima da “maldição sobre o sexo”. Vale a pena esclarecer que eles são demonstrados através da lógica formal e são os pilares do processo de sexuação do ser falante.

Mas como entender a “A mulher não existe” e “A relação sexual não existe”?

Para avançar, lembramos que, na concepção freudiana, a satisfação pulsional não surge atrelada à diferença sexual. Daí a importância de lembrar como se dá a constituição do falo, significante privilegiado que inscreve a diferença sexual no inconsciente. Observaremos que o falo como atributo – ser o falo ou ter o falo – é o que vai promover a identificação sexual de cada um. Sob essa perspectiva, a diferença sexual se dá da seguinte maneira: a masculinidade é definida como “ter o falo” e a feminilidade em “ser o falo”. Essa elaboração concede ao simbólico – campo das representações – uma função de primazia. A referência à anatomia não é suficiente para dividir os seres falantes em duas classes sexuais: de um lado os homens e de outro as mulheres. Para isso é necessário o “Outro enquanto lugar dos significantes” e “quando a linguagem está em jogo a identificação deve ser pensada em termos de representação” (Chamorro, 2009, p. 36). Sob essa perspectiva o significante “falo” representa o sexual no campo do Outro.

Na medida em que Lacan avança em suas elaborações sobre a experiência clínica, depara-se com o limite que o campo da identificação como representa-

própria barba’. ‘Quem faz a barba do barbeiro?’ Se o barbeiro faz a própria barba, como ele só faz a barba daqueles que não fazem a própria barba, então ele não faz a própria barba, mas neste caso, como ele não faz a própria barba e como ele faz a barba de todos aqueles que não fazem a própria barba, então ele faz, paradoxalmente, a própria barba” (Kubrusly). Observamos que é impossível escrever esse barbeiro num sistema lógico. O paradoxo ao qual está referido torna impossível que esse barbeiro exista com tais propriedades. Lacan define a categoria modal do impossível do seguinte modo: “não cessa de não se escrever”, ou seja, jamais se escreve.

ção impõe quando se trata da relação do ser falante com o gozo. É precisamente o gozo feminino que interroga “as identificações do homem enfrentando a mulher e também questiona as identificações da própria mulher” (Chamorro, 2009, p. 97). Segundo Chamorro (2009), é justamente porque o falo não responde inteiramente sobre o gozo feminino, uma vez que este vai além do falo e do simbólico, que Lacan irá buscar na lógica um modo de escrever o gozo fálico e o gozo feminino que transcende o falo.

Lacan (1971) recorre à lógica formal para escrever as fórmulas da sexualização. Para tanto se faz necessário que o falo deixe de ser um atributo e passe a ser considerado uma função, Φx . A leitura do Seminário 18: *De um discurso que não fosse semblante* (Lacan, 1971) fornecerá subsídios para que possamos entender o que querem dizer “A relação sexual não existe” e “A mulher não existe”.

Lógica atributiva do falo: ter ou ser o falo

Segundo Freud (1905), a organização sexual presente na vida adulta, passa por um processo de desenvolvimento da libido. Efetuado em estágios (oral, anal), cada um deles exibe a predominância de um determinado componente libidinal, que dita o modo de satisfação. A sexualidade infantil organizada em estádios foi denominada de organização pré-genital; cabe ressaltar que ela não é superada através de uma maturação orgânica ou de maneira espontânea. O complexo de Édipo cumpre uma função determinante nesse processo.

Como, então, se articula a sexualidade – atividade das pulsões parciais – com a diferença sexual? Freud (1923) responde com a formalização da fase fálica que culmina com o complexo de Édipo. Isto quer dizer que o falo possibilita a relação entre os sexos a partir da lógica atributiva ter ou não ter o falo. Ou seja, é o falo que instaura no campo subjetivo a possibilidade de cada um se identificar ao tipo ideal de seu sexo. O homem por uma ameaça e a mulher pela via da privação; mais adiante esclareceremos esse ponto. Para os seres falantes, ser homem ou ser mulher depende do modo como cada um se posiciona frente ao falo. A diferença sexual, portanto, não é anatômica, mas subordinada a uma lei simbólica. Passemos a examinar como a constituição do falo instaura a regulação da satisfação sexual ligada à diferença entre os sexos.

Com o texto “Organização genital infantil (Uma interpolação na teoria da sexualidade)” (1923), Freud compreende que a unificação das pulsões sexuais parciais se dá sob a primazia do falo. Pois “[...] para ambos os sexos, só desempenha um papel, um genital, o masculino. Portanto, não há um primado genital, senão um primado do falo” (p. 146). Isto quer dizer que a teoria sexual que pre-

valece, tanto para meninos como para meninas, é o universal fálico: “Todos têm pênis”.

No texto freudiano, a formalização do falo é resultante da subjetivação do que se apreende ao ver o corpo do semelhante marcado ou não por um traço a mais. Para Freud, “a diferença anatômica [entre os sexos] não pode exprimir-se senão em consequências psíquicas” (p. 115). Então, o falo é o referente do ter ou não ter o pênis, é o símbolo que se apresenta por oposição a uma falta. Vale lembrar que a natureza do falo se sustenta da privação de pênis da mãe; no texto “Fetichismo” (1927) isso é bastante claro. Assim, o falo permite, na sexualidade feminina, recobrir a privação com uma falta.

Ao formular a prevalência do falo e a diferença sexual – ter ou não ter o falo –, Freud (1923) define que a identificação sexual está submetida ao modo como cada um se posiciona diante da castração. Para aqueles que possuem o pênis, os meninos, instalar-se-á o medo de perdê-lo. Naqueles que não o possuem, as meninas, instalar-se-á a vontade de tê-lo. Conforme dissemos anteriormente, a assunção subjetiva da diferença sexual se dá ou pela via de uma ameaça ou de uma privação. Portanto, a subjetivação do ter e do não ter o falo é decisiva para a orientação sexual do sujeito. Parte-se da universal afirmativa “Todos têm pênis” para chegar à particular negativa, “Alguns não têm pênis” é a descoberta da castração materna que viabiliza essa passagem.

Lacan (1958) retoma essa discussão freudiana – ter ou não ter o falo – que gerou polêmica no meio analítico e propõe o falo como significante. Não um significante qualquer, mas um significante privilegiado que indica a junção entre sexualidade e linguagem. O falo é o que escreve, ou seja, faz existir, o sexual no campo subjetivo de cada um. É ele que suprirá o que a sexualidade humana perde de natural em decorrência da linguagem.

A consequência de ser o homem um animal parasitado pela linguagem, um ser falante, é a de que nada nele será mais da ordem do instinto. Em decorrência disso, foi possível àquele sujeito colar a significação “transar com uma mulher” à ordem paterna “*Você tem que ser homem*”. O sexo biológico não é suficiente para que alguém se reconheça como homem ou como mulher, é necessário o consentimento do sujeito a esta sexuação biologicamente assegurada (Miller, 2001, p. 289). É só no campo da linguagem que os seres falantes podem fazer-se homem ou fazer-se mulher, justamente a partir dos significantes oferecidos pelo Outro. Designar o falo como um significante permite trabalhar o processo de sexuação do ser falante pela via da identificação. Pautados nessa orientação, dissemos tratar-se de um equívoco aquele sujeito querer definir seu ser de homem apoiado na relação sexual com uma mulher.

Em *A significação do falo* (1958), o falo é o significante que “dá a razão do desejo (na acepção em que esse termo é empregado como ‘médica e razão ex-

trema' da divisão harmônica)” (p. 700). No sentido matemático, razão é aquilo que tem uma medida comum e permite uma proporção justa numa operação de divisão. A média e razão extrema indica que a divisão – de um segmento de reta, por exemplo –, se dá a partir de um denominador comum. O falo como média e razão extrema torna-se, portanto, o denominador comum para ambos os sexos, pois ele cria a ilusão de uma divisão harmônica entre eles. Sob essa perspectiva, é graças ao falo que uma mulher se relaciona com o homem e vice-versa. Ele seria, vamos assim dizer, um catalisador dessa relação.

A lógica atributiva do falo, quando ele ganha o estatuto de significante, gira em torno de ser ou ter o falo. Ou seja, Lacan (1958) substituiu o não ter o falo do lado das mulheres por ser o falo. Conforme viemos discutindo até agora, para os humanos não é possível serem homens e mulheres no sentido biológico devido à captura do corpo do ser falante pelo significante. Isso faz com que só lhes reste como solução parecerem homens e mulheres. Ou seja, na sexualidade humana se trata de um fazer ser homem ou um fazer ser mulher, e para isso o falo é a peça chave.

Lacan (1958) concorda com Freud ao dizer que a “menina se considera, nem que seja por um momento, castrada, na acepção de privada de falo” (p. 693). Por exemplo, um sujeito feminino, em análise, lembra que houve um tempo em sua vida que queria muito ter um pênis. Seu sentimento era de injustiça para com as mulheres. Hoje em dia não reconhece mais esse desejo fazendo parte de sua vida. Passado alguns meses depois dessa fala, começa a observar que está sempre no meio dos homens. Quando quer realizar algo busca a parceria deles. Justifica-se dizendo que o mundo é dos homens, as mulheres só querem sair do trabalho e ir para casa assistir novela. Como é do meio artístico, lembra que são raras as bandas de música, por exemplo, criadas por mulheres. Elas não fazem grupo, aquelas que obtêm sucesso contratam os músicos, mas não criam bandas. Acrescenta que tem certa dificuldade em fazer amizade com mulheres. O mundo masculino é muito mais interessante e fascinante.

O pequeno recorte clínico, citado acima, demonstra que o não ter o falo do lado das mulheres diz respeito a uma privação de algo inscrito no simbólico. Embora não recaia sobre elas nenhuma ameaça, pois não se pode perder o que não se tem, experimentam a nostalgia daquilo que nunca tiveram. Freud (1925) nomeou essa privação de *Penisneid* e situou nessa inveja do pênis o desejo feminino por excelência, o ponto incontornável na análise de uma mulher. Disso uma mulher não se cura (Freud, 1937).

Isso pode levá-las em buscar solucionar o não ter pela via do ser, ou seja, fazer-se ser o falo para o homem. Essa substituição acontece quando transformam o não ter num bem que desperte o desejo do homem em querer possuí-lo. É a solução pela via da mascarada (Lacan, 1958)

Como a sexualidade feminina se constitui a partir da falta fálica, então, as mulheres não estão sob nenhuma ameaça. Frente a isso, Freud (1933[1932]) se pergunta como poderia se dar o declínio do complexo de Édipo. Consequentemente, a formação do supereu nesses sujeitos é questionada. Sob esse ponto de vista, para as mulheres não há limites uma vez que elas nada têm a perder.

Como sujeitos cujo desejo está marcado pela privação do falo, as meninas são introduzidas na problemática do dom. É desse modo que entram no Édipo, e a função do pai lhes dá o equivalente à sua falta, tornando possível a metáfora do falo. De início, seria receber do pai um filho. De modo bastante breve, seguindo a análise de Lacan (1956-1957) sobre o caso, a jovem homossexual ilustra bem essa questão.

Durante um tempo, a jovem homossexual interessava-se em cuidar de crianças. Esse interesse era índice, segundo Freud (1920), de que elas eram, para essa moça, equivalentes do falo. Essa metáfora fálica se sustentava na promessa do pai de que lhe daria um filho. Promessa cujo estatuto era inconsciente. Nessa configuração subjetiva, o dom está do lado do homem que tem – seu pai, no caso –, e a jovem é aquela que não tem, mas que irá receber um substituto dessa falta. Quando, no plano da realidade, é sua mãe que fica grávida e tem um filho, há uma mudança em sua posição subjetiva. A partir de então, assume uma posição viril e passa a cortejar uma mulher. Seu pai reprova radicalmente seu comportamento.

De acordo com Lacan (1956-1957), ao passear com a dama pelas ruas, a jovem homossexual quer mostrar ao pai como se dá a uma mulher. Estejamos atentos ao fato de que se é o falo que falta à jovem homossexual, então, o que ela dá? Ela dá à dama o seu amor, sua dedicação, sem pedir e sem receber nada em troca. É um amor que não se satisfaz na realidade. O que está em jogo, nesse caso, é o amor como dom, ou seja, amar é dar o que não se tem. A dama, por ser mulher, também está marcada por um menos; nesse sentido a jovem ama o que o objeto de amor não tem, mais além dele mesmo. O elemento que articula a relação amorosa ao dom é que o amor não visa o objeto, mas aquilo que o objeto não tem. Mas o que é buscado para além do objeto? “É o objeto central de toda economia libidinal: o falo” (p. 111). A relação da jovem homossexual com a dama denota não só um desafio ao pai, como também a obtenção de uma satisfação extraída da condição desse amor, que ele não seja satisfeito.

Toda essa discussão sobre o falo evidencia que é em torno da sexualidade feminina que algo não se inscreve no simbólico. É justo porque no campo simbólico algo do ser da mulher está excluído que a menina se introduz na simbólica do dom. Através do dom uma série de coisas pode ser dada como substituto simbólico da falta fálica, mas isso não faz o ser da mulher se escrever no campo do Outro. No seio da sexualidade feminina há um irrepresentável.

Observamos, a partir do que vem sendo elaborado, que a linguagem subverte a relação do homem com a natureza. A constituição do aparelho psíquico, com a inscrição do símbolo, se efetiva na condição de que uma impossibilidade se instale no plano das satisfações do sujeito. O que é expulso do campo das representações depende do símbolo para comprovar que não há. São os significantes que circunscrevem o que é expulso e que é da ordem do sexual, fazendo borda para o irrepresentável. Evocamos como exemplo a figura do oleiro que, ao fabricar um vaso, circunscreve o vazio.³

Na atividade pulsional visando sua satisfação, inicialmente não está em jogo a diferença sexual e sim o corpo próprio. O falo introduzirá a polaridade sexual, a partir da relação do sujeito com a castração. Daí a necessidade de Freud em articular o falo ao complexo de Édipo, na medida em que esse complexo diz respeito a um gozo fora da lei, gozar do corpo da mãe como mulher. Um gozo interdito ao ser falante. O falo tem aí um estatuto de velar essa impossibilidade; ele é o “gozo sexual coordenado com um semblante, solidário a um semblante” (Lacan, 1971, p. 33). Queremos com isso enfatizar que os enunciados “Não há relação sexual”, “Não há A mulher” são correlativos a isso que do sexual é expulso e que no simbólico é demonstrado como impossível de se escrever.

Até o momento estivemos trabalhando com a noção do falo como significante, conseqüentemente sob o viés da castração como perda de gozo. Isso fica claro se tomamos como referência a metáfora paterna. A operação de barrar o Desejo da mãe efetuada pelo Nome-do-Pai consiste em domesticar a intrusão do gozo através da significação fálica. Lacan (1974-1975) ao introduzir a noção de *Père-version*,⁴ indica que a função do pai comporta também em fazer surgir o objeto *a* como causa de seu desejo. É importante que seja uma mulher que ocupe a função de causar o seu desejo. A fórmula da fantasia $\$ \langle \rangle a$ é sua demonstração. A função do pai consiste, também, na transmissão de um gozo.

Na lógica atributiva, a classe do particular (alguns) só possui a propriedade da classe do universal (todos) caso esse universal não seja uma classe vazia. Isso quer dizer que para que seja verdade a proposição particular “Sócrates é mortal” é necessário não só que ela derive da universal “Todos os homens são mortais”, mas também que existam “todos os homens”. E quando a classe do universal for vazia? É esse o nosso problema quando estamos tratando da sexualidade no ser

3. Conforme Lacan no Seminário A Ética da psicanálise (1959-1960), no capítulo Da criação *ex nihilo*
4. Termo traduzido para o português como pai – versão que consiste na transmissão de um gozo pelo pai na medida em que faz de uma mulher o objeto causa de seu desejo.

falante, já que não é a anatomia que dirá o que é um homem e o que é uma mulher. Sendo assim, já que as categorias homem e mulher não estão dadas *a priori*, como pensar a proposição “Todo homem” segundo a lógica aristotélica?

Diante dessa problemática, Lacan (1971) abandona a lógica aristotélica, ou seja, a lógica atributiva, e passa para a lógica proposicional fazendo do falo uma função, Φx .

Função fálica: Φx

Cabe uma pequena introdução sobre a noção de função. Em matemática, uma função denota um caso especial de relação. Essa relação é um conjunto de pares ordenados (x,y) em que cada elemento desse par pertence a um dos conjuntos implicados nessa relação. Ela é representada por $f(x)$, e cada argumento x se associa a um único valor da função $f(x)$.

Abordar o falo como uma função, Φx , é pôr em relevo que sua especificidade consiste na relação do ser falante com o gozo. Isto quer dizer que há uma função de gozo ligada à castração; ela determina um modo de gozar particular para cada sujeito. Porém, não nos esqueçamos que na função fálica ainda persiste a vertente da lei simbólica – sob a forma da interdição –, consequência da castração enquanto perda de gozo.

Antes de continuarmos, constatamos que nosso percurso nos conduz a dizer que a relação entre homem e mulher nada tem a ver com qualquer tipo de determinação cromossômica. Sobre essa relação homem-mulher Lacan (1971) diz o seguinte:

Para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer – homem. É isso que constitui a relação com a outra parte. É à luz disso, que constitui uma relação fundamental, que cabe interrogar tudo que, no comportamento infantil, pode ser interpretado como orientando-se para esse parecer – homem. Desse parecer – homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal à menina de que se o é. Em síntese, vemo-nos imediatamente colocados na dimensão do semblante. (p. 31)

Uma vez que a relação homem-mulher acontece na dimensão do semblante, interrogar sua natureza só é possível através do escrito. Para isso Lacan (1971) recorre à lógica formal. Ela oferece outro tipo de recurso para analisar e esclarecer porque a relação sexual não se escreve. Isso porque a linguagem

(...) não consegue fazer com que essa inscrição seja o que defino como inscrição efetiva do que seria a relação sexual, na medida em que ela relacionaria os dois pólos, os dois termos que se intitulariam homem e mulher, sendo esse homem e

essa mulher sexos respectivamente especificados pelo masculino e pelo feminino... em quem, em quê? Num ser que fala, ou, dito de outra maneira, um ser que, habitando a linguagem, extrai dela um uso que é o da fala. (p. 123)

Isto quer dizer que o próprio funcionamento da linguagem faz obstáculo à relação sexual se escrever. Retomando, o falo é uma função, Φx , e o sujeito se articula a essa função a partir das fórmulas dos quantificadores. Cabe, portanto, investigar se Todo x ($\forall x$), e Alguns x ($\exists x$), satisfazem ou não a função fática. Logicamente é representada da seguinte maneira:

$\forall x \Phi x$: Universal afirmativa: Para todo x (para todo ser falante) a função fática se escreve

$\forall x \overline{\Phi x}$: Universal negativa: Para nenhum x (para nenhum ser falante) a função fática se escreve

$\exists x \Phi x$: Particular afirmativa: Existe algum x (existe algum ser falante) para o qual a função fática se escreve.

$\exists x \overline{\Phi x}$: Particular negativa: Existe algum x (existe algum ser falante) para o qual a função fática não se escreve.

Escritas desse modo, a função – Φx – é variável, ela se escreve para todos, para nenhum ou para alguns seres falantes. Lacan (1971), ressaltando que ninguém havia pensado nisso, propõe colocar a barra de negação nos quantificadores, conseqüentemente a função deixa de ser o elemento variável. É esta a transformação proposta:

$\forall x \Phi x$: “não é com todo x que a função Fi de x pode escrever-se” (não é com todo ser falante que a função Fi de x pode escrever-se)

$\exists x \Phi x$: “não é com um x existente que a função Fi de x pode escrever-se (não é com um ser falante existente que a função Fi de x pode escrever-se).

O deslocamento da negação da função (Φx) para os quantificadores ($\forall x$ e $\exists x$), demonstra, segundo Lacan (1971), que é isso “que nos coloca no cerne da impossibilidade de escrever o que sucede com a relação sexual” (p. 132). Vejamos de que modo.

Primeiro analisaremos a negação do quantificador existencial: $\exists x \Phi x$. Negar o quantificador existencial é o mesmo que dizer que não existe um ser falante que se inscreva na função fática. Isso é equivalente à universal negativa $\forall x \overline{\Phi x}$, que se lê: para nenhum ser falante a função fática se escreve. Deste modo ela se torna desnecessária. Por que Lacan prefere a escrita da negação do quantificador existencial em detrimento à universal negativa? O ponto fundamental dessa mudança é a ênfase naquilo que não se escreve na função fática. Não existe um ser falante que se inscreva nessa função, ou seja, existe a função Φx , mas nenhum ser falante se escreve nela. Escrita desse modo ela se torna forclusiva, ou seja, nada se escreve nessa função.

A outra negação recai sobre o quantificador universal: $\bar{\forall}x \Phi x$ (não é com todo ser falante que a função f_i de x pode se escrever). Neste caso, a negação do quantificador universal substitui as particulares: afirmativa (existe algum ser falante para o qual a função fálica se escreve); e negativa (existe algum ser falante para o qual a função fálica não se escreve). A escrita $\bar{\forall}x \Phi x$ quer dizer que há alguns seres falantes que cumprem a função fálica e há alguns que não cumprem a função. Nesse sentido essa função é discordancial.

Claro que esta forma lógica, $\bar{\forall}x \Phi x$, só pode ser escrita do lado das mulheres. Ao negar o quantificador universal, ele formaliza que “é por esse não é de todo x que se postula a mulher” (Lacan, 1971, p. 137). Algumas mulheres satisfazem a função fálica e outras não. Já no Seminário 20, *Mais, ainda* (1973-1974), Lacan opera uma modificação: não se trata de que algumas mulheres escrevem a função fálica e outras não. A negação do quantificador universal aponta para o fato de que as mulheres cumprem e não cumprem ao mesmo tempo a função fálica. Aqui podemos localizar um ponto de inconsistência, ou seja, o não-todo fálico introduz uma contradição, um paradoxo. Por conseguinte, a existência fica indeterminada, uma vez que não é certo que todas e não é certo que nenhuma cumpra a função fálica. Daí a impossibilidade de dizer toda mulher.

O mito de Totem e Tabu também é uma demonstração de que A mulher não existe. Nele Freud (1913[1912]) nos diz que só o Pai gozava de todas as mulheres. Ao ser assassinado pelos filhos e nenhum deles ter reclamado o direito de sucessão, “todas as mulheres” também não se sustenta mais. Uma vez que o Pai da horda está morto, também não existe “todas as mulheres”. A partir de então, a lei do incesto é estabelecida e um sistema de trocas de mulheres é criado. Cada filho só terá acesso a uma mulher de acordo com uma lei simbólica que organiza o comércio sexual.

Já para o homem, ele afirma que a negação do quantificador existencial só é possível porque primeiro se afirmou que existe *algum homem*, o que é uma negação com a mesma função da *Verneinung*. Também encontramos uma mudança dessa fórmula no Seminário *Mais, ainda* (1973-1974). Do lado do homem, ele retoma a particular afirmativa para escrever a exceção: $\exists x \bar{\Phi} x$ (existe ao menos um que não cumpre a função fálica). Esse é o lugar do Pai da horda. A negação do quantificador existencial passa a ser escrita do lado das mulheres: $\bar{\exists}x \bar{\Phi} x$, porque é aí que se justifica a escrita de uma função forclusiva. Observamos que a função também é negada, justo porque não há A mulher. Cada uma, a seu modo, está referida ao falo, mas não toda: $\bar{\forall}x \Phi x$.

Vejam como Lacan formaliza no Seminário 20, *Mais, ainda* (1973-1974) o quadro da sexuação, em que ele apresenta de forma lógica a dissimetria das posições homem e mulher.

Lado Homem

Lado A Mulher

$\exists x \bar{\Phi}x$ $\forall x \Phi x$	$\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$ $\bar{\forall}x \Phi x$
S Φ	$S(A)$ a $L\bar{a}$

Quadro da sexuação

Do lado homem, a universal afirmativa, $\forall x \Phi x$ (todo ser falante cumpre a função fálica), é verdadeira porque se sustenta numa exceção: $\exists x \bar{\Phi}x$ (existe ao menos um x que não cumpre a função fálica). Em lógica, para que um sistema seja consistente, ou seja, livre de contradição, é necessário que haja uma exceção, a existência de *ao menos um*, em relação ao qual não seja possível decidir se é verdadeiro ou falso. É essa exceção que funda um conjunto, que demarca um limite para o restante de seus elementos. No nosso caso, a existência de uma exceção, representada pelo Pai de Totem e Tabu, Pai mítico que gozava de todas as mulheres, tem como implicação lógica a instauração de um limite, fazendo com que todos os filhos se submetam à castração. O lado homem representa um sistema consistente, de modo que os seres falantes que aí se alinham têm seu gozo regido pela lei fálica.

Do lado mulher não há exceção, pois nesse lugar o que se apresenta é: $\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$, precisamente a negação do quantificador particular. Conforme vimos há pouco, trata-se aqui de uma função forclusiva, pois não há uma que represente o dizer que proíbe. Consequentemente não há delimitação de um conjunto, de um limite; o todo aqui não se constitui. A inexistência de A mulher, escrita de modo lógico como $\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$, implica que elas não se escrevem totalmente na função fálica: $\bar{\forall}x \Phi x$. Elas experimentam um gozo que não é civilizado pelo gozo fálico, um gozo mais além do falo. Lacan o define como sendo um gozo suplementar que não está regido pela lei do significante. Consequentemente, é um gozo impossível de circunscrever. Em relação a esse gozo, uma mulher não faz parceria com um homem; ela é parceira de sua solidão.

Uma vez que as mulheres estão não-todas inscritas na função fálica, e consequentemente há algo do seu ser de mulher que não é significável, como se situar numa parceria amorosa? Besset (2008) propõe que

Na relação entre os sexos, a mulher se coloca como tola, dupe, enganada pelo “pequeno ter” do homem, deixando lugar para a invenção de algo onde nada há. Sem dispor de um saber, a mulher é obrigada, em cada caso, a inventar-se como mulher. (p. 238)

Para que seja uma mulher, ela busca ser reconhecida como sendo única pela parte masculina. No *Aturdito* (1972), Lacan nos adverte que mesmo que esse reconhecimento – Tu és a única – seja satisfeito, não impede que esse gozo suplementar – não regulado pelo falo e que a divide –, converta sua solidão em seu parceiro. Dito de outra forma, a exigência de amor que se funda no campo do reconhecimento se constitui num esforço em escrever o gozo na relação com o Outro. No entanto, isso fracassa, pois sua solidão diz respeito a um gozo que nenhum homem pode seguir. Isso porque um homem se define como aquele que se escreve todo na função fálica: $\forall x \Phi x$.

Vimos que uma função define uma relação. E essa relação é constituída por pares ordenados em que cada elemento pertence a um dos conjuntos implicados nela. Aplicando ao nosso caso, a função fálica (Φx) define um par ordenado (homem, mulher). Mas um dos elementos desse par se escreve não toda na função Φx . Com isso a relação não se estabelece. Devido ao fato de “Não há A mulher”, uma mulher se escreve não toda na função fálica. Consequentemente, a relação sexual não se escreve: “Não há relação sexual”.

Referências

BESSET, V. João ama Maria, que ama... *Latusa – O semblante e a comédia dos sexos*, Rio de Janeiro, n. 13, 2008.

BIBLIA SAGRADA. *Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1982.

BRODSKY, G. Um homem, uma mulher e a psicanálise. *Latusa – O semblante e a comédia dos sexos*, Rio de Janeiro, n. 13, 2008.

_____. O homem, a mulher e a lógica. *Latusa – O semblante e a comédia dos sexos*, Rio de Janeiro, n. 13, 2008.

CHAMORRO, J. *Las mujeres*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009.

CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978.
- DARWIN, C. *A origem das espécies*. São Paulo: Hemus, 1859.
- FREUD, S. (1950[1985]). Proyecto de psicologia. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 1.
- _____. (1905). Três ensayos de teoria sexual. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 7.
- _____. (1911[1910]). Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Demencia paranoides) descrito autobiográficamente. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 12.
- _____. (1911). Formulas sobre los dos principios del acontecer psíquico. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 12.
- _____. (1913[1912]). Totem y tabú. Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 13.
- _____. (1914). Introducción del narcisismo. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 14.
- _____. (1915). Pulsiones y destinos de pulsión. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 14.
- _____. (1915). La represión. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 14.
- _____. (1918[1914]). De la historia de una neurosis infantil. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 17.
- _____. (1920). Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 18.
- _____. (1923). La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad). In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 19.
- _____. (1925). La negación. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. v. 19.
- _____. (1925). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 19.
- _____. (1927). Fetichismo. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 21.
- _____. (1931). Sobre la sexualidad femenina. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 21.
- _____. (1933[1932]). 33ª conferencia. La feminidad. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 22.
- _____. (1937). Analisis terminable e interminable. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 23.

HYPPOLITE, J. Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud, por Jean Hyppolite. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

KUBRUSLY, R. *Uma viagem informal ao teorema de Gödel ou (o preço da matemática é o eterno matemático)*. Instituto de Matemática. Disponível em: <<http://www.dmm.im.ufrj.br/~risk/diversos/godel.html>>.

LACAN, J. (1954). Introdução ao comentário de Jean Hippolite sobre a *Verneinung* de Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1954). Resposta ao comentário de Jean Hippolite sobre a *Verneinung* de Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1956-1957). *O seminário. Livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. (1958). A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1960). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “*Psicanálise e estrutura da personalidade*”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1959-1960). *O seminário. Livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. (1960-1961). *O seminário. Livro 9. A identificação*. Inédito.

_____. (1971). *O seminário. Livro 18. De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. (1972). O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 465.

_____. (1973). Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 530.

_____. (1973-1974). *O seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

MILLER, J.-A. (1984-85). *Seminário 1,2,3,4. Seminário Inédito*.

_____. *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós, 1998.

_____. *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós, 2001.

PLATÃO. Banquete. In: *Diálogos I*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

Resumos

La definición sexual en el hombre y en la mujer, según el psicoanálisis, no es determinada por la anatomía, tampoco por la genética. Lacan (1958), apoyado en los textos freudianos, afirma que posicionarse como hombre o mujer requiere el lenguaje, depende del campo del Otro. A consecuencia de sermos seres sexuados sometidos al lenguaje, hay un mal entendido entre los sexos. En el campo del lenguaje hay un

elemento de la pareja sexual (hombre, mujer) que no es pasible de representación. La no inscripción de un elemento de esa pareja imposibilita a los seres hablantes acceder a un sentido sexual que se completa. El elemento que no es representado en el campo del lenguaje es “La Mujer”. Ese punto de exclusión conduce Lacan a la formulación de dos paradigmas: “La Mujer no existe” y “No hay relación sexual”. Ellos son solamente demostrables por medio de la lógica formal y son los pilares del proceso de sexuación del ser hablante.

Palabras claves: Sexualidad, feminidad, falo, semblante, amor

La définition sexuelle pour les hommes et pour les femmes, selon la psychanalyse, n'est pas déterminée par l'anatomie et encore moins par la génétique. Lacan (1958), s'appuyant sur les textes freudiens, affirme que se positionner comme homme ou comme femme requiert le langage, dépend du champ de l'Autre. Du fait que nous sommes des êtres sexués soumis au langage, il y a un malentendu entre les sexes. Dans le champ du langage il y a un élément de la paire sexuelle (homme, femme) qui n'est pas représentable. La non inscription d'un des éléments de cette paire rend impossible aux êtres parlants d'accéder à un sens sexuel qui se complète. L'élément qui n'est pas représenté dans le champ du langage, c'est 'La Femme'. Ce point d'exclusion conduit Lacan à la formulation de deux paradigmes : ' La Femme n'existe pas' et ' Il n'y a pas de relation sexuelle'. Ils sont seulement démontrables au travers de la logique formelle et sont les piliers du processus de sexualisation de l'être parlant.

Mot clés: Sexualité, féminité, phallus, semblant, amour

According to psychoanalysis, the sexual definition of men and women is determined neither by anatomy nor by genetics. Based on Freud's writings, Lacan (1958) held that the positioning of oneself as a man or a woman requires language. In other words, it depends on the field of the Other. As a consequence of being sexual beings, there is a misunderstanding between the sexes. In the field of language one element of the sexual pair (man and woman) cannot be represented. The non-inscription of one of the elements in this pair makes speaking beings unable to come to terms with a sexual meaning that is complete. This element which is not represented in the field of language is “The Woman.” This point of exclusion led Lacan to formulate two paradigms: “The Woman does not exist,” and “There is no sexual relation”. They are demonstrable only through formal logic and are the pillars of the sexualization process of Speaking beings.

Key words: Sexuality, femininity, phallus, semblance, love

Citação/Citation: Bessa, G e Besset, V.L. Encontros e desencontros: ensaio sobre o “não há”. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 97-114, nov. 2009.

Editores do artigo/Editors: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro e Profa. Dra. Juna de Vilhena

Recebido/Received: 05.8.2009/8.05.2009 **Aceito/Accepted:** 30.8.2009/8.30.2009

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/ this is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

Financiamento: Os autores declaram não terem sido financiados ou apoiados/The authors have no support or funding to report.

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses/The authors declares that they have no conflict of interest.

GRACIELA BESSA

Psicóloga graduada pela UFBA; psicanalista; Mestre em Psicologia pela FAFICH – UFMG; doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do IP – UFRJ; pesquisadora do CLINP (Grupo de Pesquisa em Clínica Psicanalítica/UFRJ), correspondente da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais.

Av. Prudente de Moraes, n. 290/ sala 1010.
30380-002 Belo Horizonte, MG, Brasil.
Fone: (31) 3297-4031
e-mail: gracielabessa@yahoo.com.br

VERA LOPES BESSET

Doutora em Psicologia (Paris V); professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (IP/UFRJ); pesquisadora 1D CNPq; coordenadora do Grupo de Pesquisas CLINP (Clínica Psicanalítica) – UFRJ/CNPq; membro pesquisador da AUPPF; coordenadora do Grupo de Trabalho “Psicopatologia e Psicanálise” da ANPEPP; psicanalista; membro da EBP/AMP.

Travessa Euricles de Matos, 28
22240-010 Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Fone: (21) 2285-2142.
e-mail: bessel@terra.com.br